SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Ler entre línguas e imagens: práticas de letramento, languaging e pessoalidade em um estudo de caso com uma criança imigrante venezuelana

Elizabeth Guzzo de Almeida, Luíza Santana Chaves, Catarina Andrade Martins

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Submetido em: 2026-10-21
Postado em: 2026-11-09 (versão 3)
(AAAA-MM-DD)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

LER ENTRE LÍNGUAS E IMAGENS: PRÁTICAS DE LETRAMENTO, *LANGUAGING* E PESSOALIDADE EM UM ESTUDO DE CASO COM UMA CRIANÇA IMIGRANTE VENEZUELANA

READING ACROSS LANGUAGES AND IMAGES: LITERACY PRACTICES, *LANGUAGING*, AND PERSONHOOD IN A CASE STUDY OF A VENEZUELAN IMMIGRANT CHILD

Estudo piloto

Elizabeth Guzzo de Almeida, Faculdade de Educação da UFMG/Ceale/Gepli[1]

Luiza Santana Chaves, Centro Pedagógico da UFMG/Ceale/Gepli[2]

Catarina Andrade Martins, Faculdade de Letras da UFMG/Ceale/Gepli[3]

RESUMO: Este estudo analisa a participação de uma criança imigrante venezuelana em práticas sociais de leitura e escrita desenvolvidas em eventos de letramento em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública e no Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL/UFMG). O enquadramento teórico fundamenta-se nos Novos Estudos do Letramento (Street, 1984; 2014) que concebem o letramento como prática social (Barton; Hamilton, 1998). Articula-se também com as noções de *languaging* (Bloome; Beauchemin, 2016; Bloome *et al* 2027) e pessoalidade (Street, 1992; Bloome; Beauchemin, 2016), compreendendo a linguagem como ação social situada e identidade como construção relacional e dinâmica. Metodologicamente, adota-se um estudo de caso de perspectiva etnográfica. A produção de dados incluiu observação participante, notas de campo, registros em áudio e vídeo, entrevistas à família e produções multimodais da criança. Para análise exploramos na análise os conceitos de *languaging* e *personhood* para compreender como a criança imigrante utiliza o espanhol e o português no dia a dia para se comunicar, integrar e se posicionar nos relacionamentos que estabelece com outros atores sociais nos contextos observados. Os resultados demonstram que a participação da criança em práticas sociais de letramento é atravessada por suas vivências migratórias e repertório bilíngue. Ao linguagear (*languaging*), a criança venezuelana exerce um papel ativo, valida a pronúncia do espanhol — designado na comunidade por "venezuelano" —, reconfigura posições de participação e reafirma a política linguística familiar de preservação da língua materna. A legitimação da diversidade linguística no espaço escolar promoveu o acolhimento e vínculos entre escola e comunidade.

[1] Doutora em Letras/Linguística Aplicada, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: eguzzoalmeida@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2569-5550 A autora declara não existir conflitos de interesse neste trabalho. Contribuição de autoria: Obtenção de financiamento; Investigação; Conceituação; Administração do projeto; Supervisão; Redação do manuscrito original.

[2] Doutora em Letras/Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: luizasch2704@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5557-0463 A coautora declara não existir conflitos de interesse neste trabalho. Contribuição de autoria: Disponibilização de ferramentas; Metodologia; Curadoria de dados; Redação do manuscrito original; Redação revisão e edição.

[3] Graduanda em Letras/Tradução Português-Francês, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais. E-mail: letras.catarinaandrade@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0009-0007-3329-5449 A coautora declara não existir conflitos de interesse neste trabalho. Contribuição de autoria: Análise Formal; Desenvolvimento, implementação e teste de software; Validação de dados e experimentos; Design da apresentação de dados; Redação do manuscrito original.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

PALAVRAS-CHAVE: Criança imigrante. Práticas de letramento. *Languagin*g. Pessoalidade (*personhood*).

ABSTRACT: This study analyzes the participation of a Venezuelan immigrant child in social reading and writing practices carried out during literacy activities in a 5th-grade class at a public elementary school and at the Literacy Laboratory (LAL/UFMG). The theoretical framework is grounded in New Literacy Studies (Street, 1984; 2014), which conceive of literacy as a social practice (Barton; Hamilton, 1998). It also aligns with the concepts of "languaging" (Bloome; Beauchemin, 2016; Bloome et al., 2027) and "personhood" (Street, 1992; Bloome; Beauchemin, 2016), understanding language as situated social action and identity as a relational and dynamic construction. Methodologically, this study adopts a case study with an ethnographic perspective. Data collection included participant observation, field notes, audio and video recordings, interviews with the family, and the child's multimodal productions. For the analysis, we explored the concepts of *languaging* and personhood to understand how the immigrant child uses Spanish and Portuguese in daily life to communicate, integrate, and position themselves within the relationships they establish with other social actors in the observed contexts. The results demonstrate that the child's participation in social literacy practices is shaped by their migratory experiences and bilingual repertoire. Through *languaging*, the Venezuelan child plays an active role, validates the pronunciation of Spanish—referred to in the community as "Venezuelan"—reconfigures positions of participation, and reaffirms the family's linguistic policy of preserving the mother tongue. The legitimization of linguistic diversity in the school setting promoted a situated sense of belonging and ties between the school and the community.

KEYWORDS: Immigrant child. Literacy practices. Languaging. Personhood.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS Este estudo acompanha o percurso de leitura e escrita de Elena, uma criança venezuelana de 9 anos que vive no Brasil, para compreender como utiliza o espanhol e o português no dia a dia para se comunicar e construir sua identidade. Para realizar a pesquisa, as investigadoras acompanharam a aluna durante um ano nas aulas do 5º ano numa escola pública e três anos em encontros semanais num laboratório de leitura da universidade. Durante o processo, recolheram gravações, conversaram com a família e analisaram trabalhos da criança. A investigação focou-se em um projeto escolar sobre o livro sobre Malala – no qual Elena gravou uma entrevista com a mãe e fez um desenho sobre a história – e a leitura compartilhada de um livro infantil sobre imigração (*Soñadore*s). Observou-se que Elena transita com facilidade entre os dois idiomas, orgulha-se da sua língua materna (referida como "venezuelano") e reforça a regra familiar de falar espanhol em casa para preservar as suas origens. Os resultados demonstram que acolher a língua de origem das crianças imigrantes no ambiente escolar não prejudica a aprendizagem; pelo contrário, fortalece a autoconfiança dos alunos, incentiva o respeito pela diversidade entre os colegas e aproxima as famílias da escola.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Introdução

A imigração é uma ação característica da espécie humana; transladar de um lugar ao outro não é um fenômeno novo na história das sociedades ao longo do tempo. Embora não seja um fenômeno recente, os fluxos migratórios têm adquirido crescente expressividade nas últimas décadas, configurando-se como uma questão relevante no cenário mundial. Isso se dá em razão de diversos fatores como, por exemplo, o aumento de conflitos políticos e religiosos, além das crises econômicas e sociais que atingem países ao redor de todo o globo. Com a eclosão significativa dessas tensões, é registrado um aumento do número de imigrantes de diversos países, inclusive no Brasil. O país, segundo o *Relatório Anual de Política Migratória no Brasil publicado pelo Observatório das Migrações Internacionais* (OBMigra), conta com mais de 2 milhões de migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio, distribuídos em todo o território nacional. Esses imigrantes vêm de diversas nações diferentes, mas o país que lidera a lista em território brasileiro, em decorrência do "reflexo do agravamento das condições econômicas, sociais e políticas no país" (Cavalcanti et al, 2025, p. 10), é a Venezuela. O fluxo de trânsito migratório aumenta significativamente em 2026 e evidencia uma mudança neste cenário: "a migração internacional no Brasil deixa de constituir fenômeno conjuntural para assumir caráter estrutural, integrando-se às dinâmicas demográficas, econômicas e territoriais do país." (Cavalcanti *et al*, 2025, p. 10).

Assim, torna-se possível dizer que o fenômeno da migração internacional ressignifica não apenas as fronteiras geográficas, mas também as dinâmicas de inserção social, linguística e escolar. O número de estudantes imigrantes matriculados em escolas brasileiras cresce anualmente e, em 2024, quando somadas as matrículas de alunos na educação básica, em escolas de ensino de nível técnico e no programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), esse número chegou a quase 225 mil estudantes. Esse cenário evidencia a importância de a escola constituir-se como um espaço de inclusão e acolhimento para estudantes imigrantes promovendo o acolhimento e a formação integral e cidadã dos sujeitos. A Venezuela é quem lidera o número de alunos imigrantes matriculados na educação básica brasileira tendo como porcentagem, no ano de 2024, 48,1% (educação infantil), 59,7% (ensino fundamental) e 46,1% (ensino médio). No ambiente de ensino de Educação Profissional de Nível Técnico e também na EJA, os venezuelanos continuam liderando com os números de 34,9% e 39,5% respectivamente. Neste âmbito de acolhimento educacional, as práticas de leitura e escrita em línguas diferentes configuram-se como espaços privilegiados para a expressão da identidade e o trânsito cultural de crianças migrantes.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Considerando esse contexto, em 2023, é encaminhada ao Centro de Alfabetização e de Leitura e Escrita Magda Soares (Ceale), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), uma solicitação de apoio pedagógico a uma criança imigrante venezuelana considerada com dificuldades de leitura e escrita. Elena[4], na época tinha 9 anos e cursava o 3º ano do ensino fundamental – anos iniciais. A demanda de acompanhamento a essa criança é direcionada à professora e pesquisadora do Ceale, Elizabeth Guzzo de Almeida, devido à sua formação em língua espanhola e ao fato de a criança imigrante ser bilíngue em português e espanhol. A professora inicia o trabalho com Elena como uma ação de extensão universitária no Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL)[5] e, logo, amplia e integra essa iniciativa ao projeto de pesquisa intitulado *Letramentos em contexto bilíngue: estudo de caso etnográfico de uma criança imigrante venezuelana*.

As atividades de leitura e escrita com essa criança são desenvolvidas no LAL, um espaço para formação docente, produção de materiais didáticos e desenvolvimento de ações de ensino, extensão com professores, estudantes da graduação (Pedagogia, Letras, Design e outros) e da educação básica, além de pesquisa. As práticas educativas desenvolvidas no LAL valorizam e estimulam a autoria docente nas propostas de criação de jogos e recursos didáticos para a alfabetização (cf. Montuani, 2022; Montuani; Souza, 2023). O trabalho com Elena nesse ambiente possibilitou a utilização de diversos materiais didáticos autorais, obras literárias, jogos educativos e letras móveis para alfabetização disponíveis no acervo do laboratório.

Além deste espaço de aprendizagem, a pesquisadora responsável pela investigação acompanhou Elena em sua turma do 5º ano do ensino fundamental nas aulas de Língua Portuguesa semanalmente em uma escola municipal em Belo Horizonte durante o ano de 2025. O intuito do acompanhamento das aulas desta criança imigrante possibilitou descrever e analisar a participação de Elena nas práticas de letramento em um contexto com outras crianças brasileiras e articular com vivências familiares que reverberavam na escola.

Nesses dois ambientes de aprendizagem, observamos que a linguagem é constitutiva das ações e reações da criança imigrante nas interações que estabelece com os estudantes, professora e familiares, tanto em sala de aula quanto fora dela. Esta concepção de linguagem

[4] Elena é o nome fictício escolhido em decorrência do apreço que a criança tinha quando iniciou a pesquisa pela animação *Elena de Avalor* da Disney.

[5] O Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL) é um espaço de ensino, pesquisa e extensão vinculado ao Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita Magda Soares) da Faculdade de Educação da UFMG (FaE) e coordenado pelas professoras Daniela Freitas Brito Montuani e Maria José Francisco de Souza.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

como ação social deslocada de substantivo para verbo – *languaging* – é uma concepção que, na perspectiva de Bloome e Beauchemin (2016), Bloome e Beach (2019) e de Bloome *et al* (2027), é analisada nas práticas de leitura e escrita como ações interrelacionadas nas quais os participantes constroem sentidos e relações por meio da linguagem oral, escrita e de outros recursos semióticos. Cabe dizer que construímos uma interpretação a partir da perspectiva teórica destes autores, sobre as ações e reações construídas socialmente na escola e no LAL, não se limitando apenas ao texto lido ou escrito, nem em habilidades individuais da criança imigrante venezuelana e dos outros participantes. Assim, considera-se o que estas pessoas fazem umas com as outras, por meio de suas ações, e como produzem significados e constroem conhecimentos enquanto leem, escrevem, conversam, gesticulam, interpretam textos e respondem umas às outras.

Outro construto que compõe a interpretação dos dados produzidos que será discutido no artigo se refere aos modos de ser e pertencer a um grupo, a pessoalidade (*personhood*) construída em práticas sociais culturalmente situadas. Bloome e Beauchemin (2016) argumentam sobre as concepções do que significa ser pessoa e os modos de agir nas interações sociais. Assim, buscamos compreender como a pessoalidade da criança imigrante é construída relacionalmente com outras crianças brasileiras, com a professora, com familiares e o que esse aspecto revela sobre os modos de estas pessoas se relacionarem, de reconhecerem umas às outras e de definir quem são os participantes naquela situação social.

A partir dessas considerações, os conceitos de *languaging* e *personhood* são explorados de maneira complementar aos conceitos de práticas e eventos de letramento. Ao se analisar a participação da criança em eventos de letramento ora se focaliza as suas ações e reações aos usos da Língua Espanhola e da Língua Portuguesa nesses contextos; ora se privilegia considerações sobre como tais usos destas línguas nesses eventos pela criança e demais participantes desses eventos posicionam essa criança como aprendiz nesses espaços sociais.

Para tanto, este artigo pretende analisar a participação da criança imigrante venezuelana nas práticas de leitura e escrita em contextos educativos diferentes: na escola e no LAL. O intuito é analisar como os participantes produzem sentidos, constroem conhecimentos e negociam significados de sua pessoalidade (*personhood*) em suas interações e ações nos processos de *languaging*. É a partir dessas experiências de aprendizagem em contextos escolares que emerge a questão central que fundamenta a problemática deste artigo:

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

- Como a criança imigrante venezuelana mobiliza relações de *languaging* nas práticas de leitura e escrita da escola e do LAL, ao construir e negociar aspectos de sua pessoalidade (*personhood)* nas interações com os participantes?

Na próxima seção, apresentaremos os construtos teóricos das relações de *languaging* e pessoalidade que fundamentam a interpretação analítica de eventos de letramento vivenciados por Elena em sua sala de aula no 5º ano do ensino fundamental em uma escola pública e, ainda, em encontros no LAL com o desenvolvimento da leitura e de atividades didáticas com a obra *Soñadores* (Morales, 2018), um livro ilustrado sobre imigração.

1. Práticas de letramento: *languaging* e pessoalidade (*personhood*)

1.1 Letramento e relações de *languaging* como sociais

Afastando-se da visão de letramento como mera aquisição de uma técnica neutra, Street (1993) propõe o conceito de "*culture as a verb*" (cultura como verbo). Sob essa ótica, a cultura e o letramento não são estáticos; são práticas sociais dinâmicas, ativas e em constante negociação, moldadas pelas relações de poder e pelos contextos de vida dos sujeitos. Nesse sentido, para Street (1993), as práticas culturais de ler e escrever não são apenas habilidades técnicas e neutras que as pessoas adquirem, mas são atos sociais dinâmicos profundamente conectados com a cultura. A visão etnográfica e crítica, defendida por Street (1993), entende o letramento como uma prática cultural e política, intimamente ligada aos contextos sociais em que é vivenciada.

Corroborando com esta noção de Street, para Barton e Hamilton (1998), a perspectiva do letramento como prática social diz respeito ao que as pessoas fazem com os textos e não está somente na mente das pessoas. Como toda atividade humana, o letramento é essencialmente social e se localiza na interação interpessoal. Essa dimensão do letramento se nutre da visão da linguagem situada socialmente, historicamente e culturalmente (Bakhtin, 2011). Assim, a visão teórica da compreensão do letramento como prática social aborda as práticas de leitura e escrita imersas em relações de poder, identitárias, de natureza ideológica. Logo, a descrição e a análise das práticas experienciadas pela criança imigrante em contextos formais de aprendizagem, em um projeto da “Semana literária”, na turma do 5º ano e com a leitura de um livro ilustrado bilíngue sobre imigração, auxilia-nos na compreensão desses processos escolares.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

As práticas de letramento estão muito presente em contextos nos quais ocorre sua pedagogização (Street, 2014) como nas escolas, embora não se restrinja a estes espaços. Investigar por meio de perspectiva etnográfica na escola o letramento e suas reverberações em outros locais é relevante para a compreensão de como e por que esse letramento é construído, assimilado e interiorizado por uma criança imigrante.

Dessa forma, coadunando com a perspectiva do letramento como prática social, a abordagem do construto teórico *languaging* nas salas de aula (Bloome; Beauchemin, 2016; Bloome; Beach, 2019; Bloome *et al* 2027) considera a linguagem indissociável das ações e reações das pessoas que interagem entre si. É através do ato de *languaging* (*linguagear*) que professores, alunos, pais e investigadoras agem uns sobre os outros e constroem, de forma dialética, noções cotidianas de identidade/humanidade. Estes autores recuperam o *languaging* a partir de Becker (1991), que argumenta:

> [As pessoas] desenvolvem um repertório de textos anteriores lembrados de forma imperfeita e adquirem cada vez mais habilidade para recontextualizá-los em novas situações... o *a priori* do *languaging* não é um sistema conceitual abstrato e um meio de mapeá-lo em sons, mas fragmentos específicos e imperfeitamente lembrados de textos anteriores. As estratégias pelas quais as memórias são remodeladas para as circunstâncias atuais variam claramente de pessoa para pessoa, sob restrições culturais e naturais gerais. (E aqui, nessas restrições, grande parte do conhecimento gramatical familiar pode ser preservado, em um novo quadro.) Compreender outra pessoa é possível na medida em que uma expressão verbal evoca memórias. Surge um novo conjunto de metáforas para a linguagem: a comunicação torna-se orientacional e não a codificação e decodificação de 'significado' (p. 34). [6]

Assim sendo, o *languaging* é compreendido não como um substantivo, mas como um verbo, uma ação social de manejar a linguagem, *linguagear*, envolvendo relações anteriores entre discursos, conhecimento e experiências compartilhadas, tais como: a memória e a recontextualização dos textos a novas circunstâncias dando ênfase à "comunicação como orientacional". Desse modo, o significado deixa de ser apenas um código da língua e é compreendido como algo que se constrói na interação entre as pessoas, envolvendo histórias, relações, pontos de vista, posturas, etc.

---

[6] *(...) develop a repertoire of imperfectly remembered prior texts and acquire more and more skill at recontextualizing them in new situations . . . the a priori to languaging is not an abstract conceptual system and a means of mapping it onto sounds but particular, imperfectly remembered bits of prior text. The strategies by which memories are reshaped to present circumstances clearly vary from person to person, under general cultural and natural constraints. (And here, in these constraints, much familiar grammatical insight can be preserved, in a new frame.) Understanding another person is possible to the extent that an utterance evokes memories. A new set of metaphors for languaging emerges: communication becomes orientational and not the encoding and decoding of ''meaning''* (p. 34).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

1.2 Práticas de letramento e pessoalidade (*personhood)*

Ao compreender os letramentos como práticas sociais, direcionamos nosso olhar para os modos de ser e pertencer a um grupo, dimensões constitutivas da pessoalidade (*personhood*). A maneira como nos entendemos e nos constituímos como pessoas se conecta diretamente com a cultura existente no meio em que nos estabelecemos. A construção da pessoalidade está diretamente relacionada ao nosso contexto social. Em consonância com a perspectiva de Street (1993) de compreender a cultura como verbo, entendemos que as práticas de letramento e a construção da pessoalidade também constituem processos dinâmicos e estão sujeitos à transformações. Se cultura é verbo, ou seja, algo mutável, é possível reconhecer que o indivíduo inserido naquele meio constrói sua identidade estando sujeito a modificações que acompanham as ações e movimentos dessa cultura. Para Street (2006): "as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da pessoalidade (*personhood*). O que quero dizer com isso é que, quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades" (Street, 2006, p. 466).

Assim, como argumentado pelo pesquisador, as práticas de letramento e a maneira com a qual utilizamos a leitura e a escrita são atravessadas pela identidade que construímos como sujeito e como membro de uma comunidade. Logo, é sob a perspectiva de que o letramento se localiza na interação interpessoal que é possível entender como se constrói a relação desta criança com as outras crianças na escola, com a professora, pesquisadoras e familiares. Bloome e Beauchemin (2016) defendem a pessoalidade como uma construção relacional referindo-se a perspectivas sobre o que significa ser uma pessoa em relação ao outro e como são negociadas nas interações sociais. Outro aspecto a ser considerado refere-se à discussão de Mcintosh (2018) ao argumentar que a pessoalidade varia e é atribuída de forma distinta de acordo com a cultura de cada sujeito. Street (2006) corrobora essa noção de variação quando diz que: "Os dados interculturais, portanto, sugerem que a 'noção de pessoa sustentada na sociedade é inevitavelmente complexa e ambígua' e diferentes facetas da pessoa são invocadas para diferentes propósitos e contextos." (2006, p. 468).

Nos eventos de letramento, analisaremos aspectos da pessoalidade nas interações discursivas da criança venezuelana em dois espaços de aprendizagem, a saber: (i) uma turma do 5º ano da escola municipal, participando de um projeto para a *Semana literária* com a obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* (2015), que suscitou aspectos de identidade e

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

pessoalidade em situações cotidianas da sala de aula, como a criança imigrante interagia com os colegas brasileiros, com a professora, como distribuíam os turnos de fala, como reconheciam determinadas respostas e como se posicionava cada participante; e (ii) nos encontros da criança com as pesquisadoras no LAL, com a leitura do livro ilustrado *Soñadores*, que abordou a temática da migração e do trânsito vivido por imigrantes, elementos que constituíam a identidade e a pessoalidade da criança venezuelana em interações com as pesquisadoras.

Compreendemos que as relações estabelecidas pela criança com os demais estudantes, a professora, as pesquisadoras e os familiares participam da construção de sua identidade e pessoalidade. Essas interações sociais implicam seus letramentos, ou seja, suas formas de ler e escrever evidenciando que tais práticas se constituem nas relações que a criança estabelece com as pessoas e os contextos sociais vivenciados. Nessa perspectiva, compreender o letramento como prática social constitutiva da pessoalidade e não como uma habilidade autônoma ou inata da mente humana permite-nos reconhecer as particularidades de seu processo de aprendizagem:

> Primeiramente os usos e significados de letramento em diferentes sociedades são semelhantes aos usos e significados do conceito de pessoa, na medida em que ambos representam o que Kirkpatrick chama campos, nos quais as estruturas dominantes e outras estruturas ideológicas são visíveis (1983, p. 12). Em segundo lugar, existe freqüentemente uma relação fundamental entre os campos ideológicos de pessoalidade e letramento. O que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de práticas de letramento em que a pessoa está comprometida (Street, 2006, p. 469).

Assim, o conceito de pessoalidade (*personhood*) se constitui como fundamento teórico para as análises a serem apresentadas dos eventos de letramento da criança venezuelana no projeto da "Semana literária" na sala de aula do 5º ano e na leitura do livro ilustrado *Soñadores* de Yuyi Morales com a implementação da sequência didática autoral elaborada a partir desta obra.

A próxima seção tem como objetivo explicitar os pressupostos teórico-metodológicos que orientam a investigação, com ênfase na etnografia na educação como abordagem que possibilita compreender nos eventos de letramento as interações e os significados construídos pelos participantes em contextos escolares.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

2. Trilhas etnográficas: a construção de uma lógica de investigação

Para este artigo, adotamos a perspectiva etnográfica como uma lógica em uso da pesquisa (Green, Bloome, 1997). É preciso primeiro compreender o que pretendemos dizer com "perspectiva etnográfica"; a etnografia é entendida por nós como uma epistemologia, para tanto, nos apropriamos de seus conceitos teóricos e de sua metodologia enquanto ciência para desenvolver nossa pesquisa. Green, Dixon e Zaharlick (2005) em seu texto *A etnografia como uma lógica de investigação* compreendem a etnografia "como uma lógica de investigação, ou seja, um conjunto de princípios que localizam a etnografia dentro de teorias sobre cultura aplicadas em pesquisas no campo da Educação." (Green, Dixon e Zaharlick, 2005, p. 13) Partindo dessa compreensão, assumimos a etnografia não apenas como um conjunto de procedimentos metodológicos, mas como uma lógica que orienta o modo de olhar, interpretar e construir os dados no contexto investigado.

É a partir dessa visão e dos princípios que a fundamentam que delineamos a abordagem teórico-metodológica deste artigo. Esta abordagem busca descrever a cultura do grupo social e identificar padrões culturais específicos e regularidades estruturais no processo de continuidade e de mudança, que são dimensões permanentes da vida cotidiana (Heath, 1982). Para isso, realizamos um recorte de uma pesquisa mais ampla que fundamenta este artigo, os dados foram construídos a partir de um estudo longitudinal etnográfico de três anos (a pesquisa segue em andamento). Foram produzidos dados em contextos sociais diversos da vida da criança imigrante participante da pesquisa que chamaremos pelo nome fictício de Elena. Inicialmente, os encontros ocorridos no LAL semanalmente de 2023 a 2026 foram filmados por vídeo e/ou gravados em áudio, além destes instrumentos de produção de dados outros foram utilizados tais como a observação participante e elaboração de notas de campo pela primeira autora e pesquisadora responsável pela pesquisa, juntamente com a pesquisadora assistente, a terceira coautora deste artigo. A criança imigrante também foi acompanhada pela primeira autora na sala de aula da turma do 5º ano do ensino fundamental – anos iniciais – na escola pública em Belo Horizonte, durante todo o ano letivo de 2025, nas aulas de Língua Portuguesa com a professora Diana (pseudônimo), também participante da pesquisa. Outra forma de produção de dados foram as entrevistas realizadas com pessoas das famílias com as quais a criança convive, especialmente Érica (nome fictício), sua mãe. O intuito de pesquisar nestes múltiplos contextos, tanto dentro como fora da escola, foi explorar e examinar em um mapa social as práticas de leitura e escrita da criança.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Para este artigo, realizamos um recorte analítico de eventos de letramento ocorridos em dois espaços distintos de aprendizagem: (i) durante o desenvolvimento de um trabalho com o livro *Eu sou Malala, a menina que queria ir para a escola* de Adriana Carranca para a "Semana Literária" na sala de aula do 5º ano; (ii) durante encontros no LAL com o desenvolvimento de uma proposta didática sobre o livro ilustrado *Soñadores* de Yuyi Morales. Ao adotarmos a perspectiva etnográfica, o que buscamos compreender é como essa criança participa das interações das atividades desenvolvidas nestes contextos com as obras destacadas. É relevante analisar o modo como é construído coletivamente, na sala de aula, com alunos e professores, formas de pertencimento e acolhimento de uma criança imigrante e, no contexto do LAL, como as formas de participação na mediação da leitura de um livro ilustrado revelam o vínculo com suas próprias experiências do trânsito migratório. Com a etnografia pudemos também adotar a visão êmica, ou seja, uma perspectiva que visa "identificar os significados das ações e eventos diários para os membros da comunidade que eles investigavam." (Green, Dixon e Zaharlick, 2005, p. 24), no nosso caso, com os membros da sala de aula, familiares e a criança imigrante. Através da perspectiva êmica, nós pesquisadoras pretendemos compreender, descrever e analisar as práticas de letramento de Elena, nestes eventos destacados anteriormente, a partir da lógica da própria Elena e dos demais participantes.

3. Práticas de letramento, *languaging* e pessoalidade: analisando eventos de letramento na escola e no LAL

3.1 A turma do 5º ano, Elena e Malala

Esta análise se configura a partir da vinheta etnográfica descrita no QUADRO 1, sobre a participação de Elena em um evento de letramento. O evento aconteceu em sua turma do 5º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas de Língua Portuguesa, ao longo do desenvolvimento de um projeto para a "Semana literária". O registro analisado consiste no produto de uma tarefa solicitada pela professora Diana (pseudônimo), para ser realizada em casa, a partir da leitura coletiva, em sala, do livro *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Carranca, 2015). A tarefa consistia na elaboração de um vídeo curto de até três minutos respondendo a algumas perguntas sobre o que a família de cada criança compreendia por educação. A vinheta etnográfica do QUADRO 1 narra a participação de Elena e sua mãe, falante nativa de espanhol, no vídeo.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Sala de aula do 5º ano com a apresentação de trabalhos da "Semana literária" sobre Malala Yousafzai

A tarde na sala de aula de Língua Portuguesa transcorre sob a expectativa do encerramento do projeto sobre a ativista paquistanesa Malala Yousafzai, iniciado nas semanas anteriores. Os estudantes se movimentam entre carteiras, segurando cartazes coloridos construídos em casa e na escola.

A professora Diana dá início às apresentações chamando Elena. A aluna venezuelana caminha até a frente da turma segurando seu cartaz. No início, demonstra um leve tom de timidez, mas logo desenvolve a leitura do trabalho com fluidez, boa entonação e ritmo. Em seguida, outros alunos se revezam no espaço de fala diante da turma do 5º ano.

Para além das produções em papel, a atividade prevê a exibição de vídeos registrados no ambiente familiar. Antes de projetar a gravação referente à família venezuelana de Elena, um dos alunos, João, intervém espontaneamente e antecipa para a turma:

— "Ela vai falar em *venezuelano* também?".

A mediação pedagógica da professora ocorre de forma imediata. Ao organizar a transição para a mídia, a professora intervém orientando a postura coletiva diante da diversidade linguística e da origem cultural da família da aluna:

— "Vocês vão ver o vídeo. A mãe dela fala espanhol, então, depois eu posso traduzir. E vocês vão assistir com respeito, porque sua colega merece".

QUADRO 1. Vinheta Etnográfica: "*Ela vai falar em venezuelano também*"

Fonte: elaborado pelas autoras.

O vídeo apresentado para a turma traz, em posição frontal, Érica, a mãe de Elena, juntamente com ela em um plano de enquadramento próximo, mostrando a cabeça, os ombros e parte do tronco. Érica veste uma blusa com as cores verde e amarelo da bandeira do Brasil. Elas estão em casa e, no plano de fundo, há roupas penduradas em um varal na sala. A dinâmica das interações no vídeo se configura como uma entrevista em que Elena lê as perguntas da folha da atividade escolar elaboradas pela professora sobre "educação", e sua mãe responde a cada uma delas, conforme FIGURA 1:



FIGURA 1. Foto do vídeo produzido por Elena e sua mãe para a tarefa escolar

Fonte: elaborada pelas autoras.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

A presença da língua materna da mãe de Elena no vídeo revela a sua identidade cultural, o processo de integração e o bilinguismo dessa família. Evidencia-se no registro a manutenção da identidade e da expressão de Érica. Ela expõe seus pensamentos e valores sobre educação, compreendida como pilar do desenvolvimento humano e profissional, em espanhol, sua língua materna e de pertencimento cultural, entrelaçada por algumas palavras em português. A partir dessa fala, Elena exerce a mediação em um contexto de bilinguismo dinâmico: a filha atua como uma ponte linguística, conduzindo o vídeo em português direcionado à docente brasileira (Professora Diana), lendo as perguntas em português para que a mãe responda em espanhol. Essa dinâmica fluida evidencia o bilinguismo familiar em prática e como essa relação com os dois idiomas se estabelece em um rico repertório linguístico e cultural. Dessa forma, consolida-se uma estreita relação entre o uso da língua materna, a identidade e a pessoalidade. Para Elena, o transitar entre os idiomas constrói e negocia modos de ser, sentir e pertencer. Trata-se de uma prática que valoriza a diversidade e promove, simultaneamente, a inclusão desta criança para o ambiente escolar. A realização do trabalho permitiu que a família participasse ativamente da vida acadêmica da filha sem as barreiras impostas pelo idioma, demonstrando como a acolhida da língua materna no espaço escolar.

Um fato revelador ocorreu em sala de aula, antes da exibição do vídeo de Elena para a turma, quando o aluno João (nome fictício) questionou: *"ela vai falar venezuelano também?"*. E logo a resposta da professora veio de forma imediata: "*Vocês vão ver o vídeo. A mãe dela fala espanhol, então, depois eu posso traduzir. E vocês vão assistir com respeito, porque sua colega merece*". A pergunta de João traz pistas sociolinguísticas importantes ao nomear a língua de Elena de "venezuelano" e não espanhol. Durante a pesquisa mais ampla, nos encontros com Elena no LAL, em diversas situações ela nomeia a sua língua como "*venezolano*". Para corroborar com esta afirmação, elencamos dois momentos em conversas de Elena com as pesquisadoras no LAL: o primeiro deles foi oralmente quando ela comentou que estava na escola integrada e que, neste período, ela fica com as colegas venezuelanas brincando de vôlei e que conversa com elas sempre "em *venezolano*". Outro momento comentado por ela foi na leitura de uma atividade em que as pesquisadoras desenvolveram em que aparecia o nome de uma cachoeira que ela visitou quando morava na Venezuela, "La sirenita". Elena comentou que estava escrito em "venezolano". Assim, o *linguagear* de João reflete o uso do "venezuelano" como integrando os modos de dizer e conviver desta comunidade escolar e que, nesta cultura, é comum usar a língua "*venezolano*" ou "venezuelano" para se referir ao espanhol. Esse fenômeno linguístico revela uma relação de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

pessoalidade, ou seja, de identidade cultural e pertencimento a partir de sua língua oriunda da Venezuela.

Retomando a interação da professora com João, o *linguagea*r ou *languaging* da professora Diana estabelecido em relação à resposta ao aluno João, em um diálogo diante de toda a turma do 5º ano, demonstra que ela reconhece e legitima o espanhol, língua materna de Elena e de sua mãe. O *languaging* é compreendido como um verbo, uma ação, ou seja, aquilo que as pessoas fazem umas com as outras por meio de recursos linguísticos e semióticos. Assim, o fato de a professora Diana comenta com seus alunos que a mãe de Elena fala em espanhol e que, no caso de os alunos não compreenderem, ela irá explicar, usando o termo "traduzir", trata-se de uma forma de reconhecer o valor e aproximar os conhecimentos linguísticos dessa família aos dos estudantes brasileiros. Este fato sinaliza que a professora não censura e tampouco invisibiliza a língua materna de Elena e de sua mãe; ao contrário, ela conversa e explica à turma que exige respeito à colega e a sua família por seu modo de falar que é diferente do português, mas que é validado e tão importante quanto, naquela sala de aula. Assim, sua intervenção e seu posicionamento ao pedir respeito à fala da mãe de Elena demonstrou que o conhecimento de outro idioma é legitimado e valorizado no grupo.

O projeto da "Semana literária" teve, como eixo central, a biografia de Malala Yousafzai e foi articulado com a elaboração de cartazes e vídeos com as famílias, além de mostras literárias e visitas à biblioteca. Ainda no âmbito das propostas didáticas desenvolvidas pela professora Diana, foi solicitado que cada criança do 5º ano produzisse uma ilustração a partir da leitura do livro *Malala, a criança que queria ir para a escola*, de Adriana Carranca (2015), para a confecção de um livro coletivo da turma. Desse modo, essa solicitação da professora desloca a criança do papel de "receptora passiva" para "autora" de um texto visual, e este aspecto coaduna com perspectivas teóricas contemporâneas de entender a criança como agente, sujeito sociocultural que produz textos visuais (Kress, 1997; Pahl, 2001; 2007; Corsaro, 2011). Os alunos deixam de ser vistos como sujeitos puramente "em formação" e passam a ser reconhecidos como sujeitos capazes de posicionamento crítico. A FIGURA 2 mostra o texto produzido por Elena para o livro coletivo:

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529



FIGURA 2. Desenho de Elena produzido para o livro coletivo do 5º ano: "Malala"

Fonte: acervo pessoal.

Nesse sentido, o desenho feito por Elena ilustra uma cena central da obra lida, quando Malala sofre um atentado por um Talibã, quando tinha 15 anos, por lutar pelos direitos das meninas à educação em seu país natal, o Paquistão. Ela ficou gravemente ferida, mas sobreviveu. A ilustração, criada por Elena, revela esteticamente elementos importantes deste atentado: uma árvore colorida com maçãs, o Talibã com um olhar fixo, com um pano de cobertura na boca e com turbante na cabeça atrás do tronco atirando em Malala. Ela com uma túnica comprida, com lenço na cabeça, toda em tons preto e branco que revelam tristeza, angústia e sofrimento pelo ocorrido. A única cor sobre ela é o vermelho do sangue em seu rosto que escorre no chão contrastando com tons escuros de sua vestimenta. Malala voltava da escola e, por isso, estava bem próxima de um ônibus escolar preto e branco como ela.

Assim, a ilustração não é um mero complemento estético ao texto, mas uma prática de *languaging* (linguagear) em si. Ao desenhar, selecionar cores e reinterpretar a história de Malala, a aluna realiza um ato de tradução cultural e semiótica da obra lida, utilizando recursos visuais para construir sentidos sobre resistência, educação e o direito à fala. As relações de *linguagear* são construídas por meio de suas ações de como Elena produz significado e constrói conhecimento com o seu texto visual a partir da leitura de uma obra informativa sobre a biografia de Malala com alguns indícios literários. Assim, enquanto desenha ela responde à proposta da professora de construção de um livro coletivo sobre a obra. Cada aluno compôs sua ilustração interpretando a obra a partir de suas concepções e conhecimentos.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

A partir dos registros de aula e do suporte audiovisual, constata-se que o trabalho com a trajetória de Malala para a "Semana literária" desenvolveu-se de forma longitudinal e multidisciplinar, permitindo introduzir debates sobre igualdade de gênero, direito à educação, diversidade cultural e geopolítica global. O projeto culminou no engajamento direto das famílias na gravação dos vídeos e na produção do livro coletivo. A exibição dos materiais em sala gerou comoção e entusiasmo entre os alunos, que solicitaram a reprise do conteúdo, aplaudiram e reproduziram falas da ativista. Além disso, a apresentação dos cartazes favoreceu o trabalho com a oralidade, a entonação e a fluidez de leitura, beneficiando especialmente os estudantes mais tímidos ou em fase de adaptação linguística.

Dessa forma, a leitura mediada pela professora do livro sobre Malala para as crianças configurou-se como um processo coletivo no qual a concepção de *personhood* (pessoalidade/subjetividade) se configura como relacional (Bloome; Beauchemin, 2016). O sujeito se constitui na interação com os pares, com a professora e com as narrativas que circulam no grupo. As vivências pessoais e a bagagem cultural de crianças como Elena emergem no modo como interpretam a obra, promovendo um diálogo direto entre os repertórios do cotidiano e a literatura escolar. Ademais, as crianças foram convidadas a vivenciar narrativas de justiça social como coautoras de um livro coletivo. A leitura e a releitura da vida de Malala atuaram em um evento de letramento de uma forma crítica, no qual os estudantes debateram poder, gênero, direito à educação e opressão a partir de suas próprias vivências. Ao ilustrar a obra, Elena exerceu sua própria agência e subjetividade: a figura de Malala funcionou como espelho e catalisador para que as crianças reivindicassem sua voz e presença nos espaços escolar e social.

Na seção seguinte, aprofundaremos o olhar analítico em um evento de letramento em outro espaço, nos encontros no LAL endereçados à leitura de um livro ilustrado sobre imigração mediado pelas pesquisadoras e Elena.

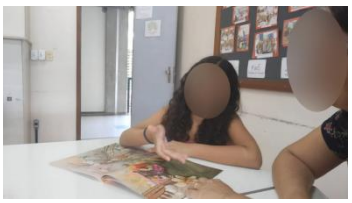
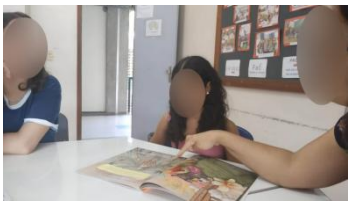
3.2 Leitura do livro ilustrado *Soñadores* em encontros no LAL

Conforme afirma Revuz (1998), compreende-se que aprender uma língua estrangeira não faz o sujeito se desvincular da sua história linguística e afetiva, uma vez que a língua materna o constitui e molda sua forma de significar o mundo. A proposta de leitura do livro ilustrado *Soñadores* baseou-se no reconhecimento e na valorização da língua materna de Elena. Assim, confeccionamos pequenas fichas móveis amarelas com a tradução em português da obra. A cada página dupla da obra, à medida que a criança ia lendo,

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

colocávamos as fichas traduzidas de cor amarela próximas aos trechos em espanhol para que o livro se configurasse como bilíngue.

A leitura de *Soñadores* foi mediada juntamente com Elena, pela pesquisadora responsável, Elizabeth Guzzo de Almeida e pela bolsista de Iniciação Científica, Catarina Andrade Martins, coautora deste artigo. A leitura em voz alta alternou entre a criança imigrante e as duas pesquisadoras (ambas proficientes em língua espanhola). Neste encontro, foi a primeira vez que realizamos a leitura de uma obra literária de forma bilíngue, em português e espanhol. O QUADRO 2 representa a transcrição da leitura do livro ilustrado *Soñadores*, de Yuyi Morales, realizada por Beth, Catarina e Elena em um encontro no LAL. O quadro está dividido em três colunas, a primeira indicando o tempo em que ocorreu o diálogo, a segunda as interações das participantes e a terceira com fotos do encontro. Vejamos a conversa no QUADRO 2:

Tempo	**Interações**	**Fotos**
12:06	**Beth:** (...) Você prefere que eu leia em português ou espanhol? Vou ler em espanhol e depois você lê em português, está bom? *Un día empacamos nuestra mochila y cruzamos un puente.* Você entendeu? **Elena:** (Balançou a cabeça afirmativamente e sorriu. Prosseguiu a leitura no trecho traduzido em português) *Um dia armamos nossa mochila e cruzamos uma ponte.* **Beth:** Uhum.	
12:22	**Beth:** Acho que vou pedir a Catarina para ler em espanhol, está bom? **Elena:** (risos e balança a cabeça afirmativamente). **Beth:** Põe a sua cadeira ali, Catarina (para ficar mais próxima do livro). Que aí você lê em espanhol, está bom? **Catarina**: (risos) Está bom! **Beth:** Que aí ela lê em espanhol. Vai ficar uma leitura coletiva, nós três, está bom? Eu vou trabalhando as imagens, a Catarina em espanhol e você também, se quiser, lê em espanhol depois, está bem? **Catarina:** Eu começo? **Elena: (**Balançou a cabeça afirmativamente.) **Beth:** É. **Catarina:** "*Tan extenso como el universo, llevando con nosotros nuestros regalos."*[Lendo o trecho do livro] **Beth:** Entendeu? **Elena:** Ela lê bastante bem! [Elena bate palmas e sorri bem animada]	

QUADRO 2. Subevento de letramento: *Ela lê bastante bem!*

Fonte: elaborado pelas autoras.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Na primeira parte da transcrição, Elena e Beth negociam quem e em que língua será realizada a leitura, se em português ou em espanhol ou nas duas línguas. A princípio Beth inicia lendo em espanhol e, logo após a leitura, indaga se Elena compreendeu o trecho lido em espanhol; ela afirma positivamente com a cabeça e, sorrindo, evidencia a compreensão neste idioma. Logo, Elena prossegue a leitura da ficha de tradução em português do mesmo trecho. A percepção da alternância de uma língua para outra revelou seu conhecimento de ambas. Ao ouvir Catarina ler em espanhol, Elena sorri, bate palmas e valida a sua leitura dizendo: "Ela lê bastante bem!". A criança reage fisicamente batendo palmas. Esse gesto é um modo semiótico de comunicação que demonstra alegria ao comemorar uma ótima pronúncia em espanhol, sua língua materna. Para Kress (2010), o gesto “combina as lógicas do tempo e do espaço. No gesto, há sequência no tempo através do movimento dos braços e mãos, da cabeça, da expressão facial (...)” (Kress, 2010. p. 81). Assim, bater palmas e sorrir não é um acessório da fala, mas produz significado, como observamos ao Elena, com seus movimentos gestuais, celebrar a excelente pronúncia do trecho do livro em língua espanhola lido por Catarina. Isto evidencia o seu conhecimento da prosódia e da entonação do espanhol diferenciando-a do português. A interação da criança imigrante em “ela lê bastante bem” pode ser interpretada a partir da noção de *languaging* compreendida como uma ação social situada. Neste enunciado, Elena não apenas descreve a *performance* da professora ao ler bem em espanhol, mas também avalia a sua leitura naquele momento. Ao avaliar Catarina, Elena assume uma posição de participante capaz de reconhecer e julgar a qualidade da leitura em espanhol. Essa reconfiguração hierárquica de ouvinte para alguém que dispõe de conhecimento e experiência permite-lhe avaliar a atuação linguística de uma adulta.

Desse modo, esta ação de Elena relaciona-se ao construto de pessoalidade, uma vez que, para Bloome e Beauchemin (2016), as formas em que os sujeitos participam das interações contribuem para a constituição e negociação dos modos de ser e de se posicionar socialmente. Ao avaliar o enunciado de Catarina, a criança imigrante bilíngue se constitui interacionalmente como alguém que possui legitimidade para comentar sobre uma prática de leitura em espanhol, tornando evidente uma relação de familiaridade e conhecimento desta língua. A pessoalidade de Elena é produzida e negociada a partir das interações sociais, não é uma identidade previamente estabelecida, mas configurada relacionalmente com as participantes.

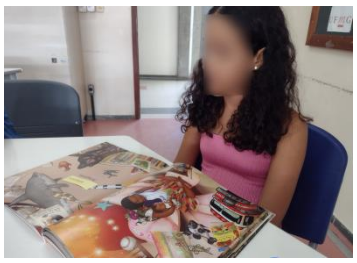
Ademais, a satisfação de Elena ao escutar o trecho do livro em espanhol leva-nos a compreender que, para uma criança imigrante bilíngue, ouvir a sua língua materna, que é falada por seus pais e irmãos em sua casa, relaciona-se com o que Street (1992) destaca sobre

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

as práticas de letramento não serem um conjunto de habilidades que está unicamente na mente das pessoas, mas envolvem relações sociais de poder e de identidade. Assim, o fato de a professora falar em espanhol para essa criança se configura como uma forma de letramento vernacular, diferenciando-se do letramento dominante (falar português) (Barton; Hamilton, 1998). As interações da criança e das pesquisadoras/professoras possibilitam o *languaging* (linguajear) nas duas línguas durante leitura e a conversa literária sobre o livro ilustrado *Soñadores.* Em vista disso, o espanhol é legitimado como uma das línguas constitutivas das práticas sociais naquele espaço formal de aprendizagem.

Ao se considerar o contexto migratório, o episódio revela uma articulação entre diferentes experiências e repertórios linguísticos e sociais desta criança imigrante venezuelana. A presença do espanhol em um espaço escolar propicia à Elena mobilizar conhecimentos relacionados ao seu conhecimento linguístico familiar (Moll *et al* 1992) e participar de uma prática social em que esse recurso adquire legitimidade. Assim, ao dizer "lê bastante bem", Elena negocia significados sobre a leitura, posição de participação e modos de pertencimento naquele espaço social.

Apresentamos, no QUADRO 3, outro fragmento de transcrição em que a criança continua a conversa sobre o livro ilustrado e traz reflexões sobre seus conhecimentos acerca da sua língua materna, o espanhol:

Tempo	**Interações**	**Foto**
23:05	**Beth:** E de que ela está falando? O que aconteceu quando ela estava nesse novo país. **Elena:** Ela não entendia nada. **Beth:** Uhum. Com você, você já veio pequenininha aí você já aprendeu português, não foi? **Elena:** Aham. **Beth:** Lá na sua casa todo mundo já fala português? **Elena:** (Ela concorda com a cabeça) **Beth:** Sim? **Elena:** Minha mãe sabe um pouco. **Beth:** Aí ela fala mais espanhol. **Elena:** Aham, para a gente não perder a língua. Perdemos já… brincadeira a língua não perdemos não. **Beth:** Não? **Elena:** Não. **Beth:** Você entende bem se falar em espanhol, não entende? **Elena:** *Yo entiendo, mi hija y soy inteligente.* **Beth:** *Eres muy inteligente.*	

QUADRO 3. Subevento de letramento: ¡*Yo entiendo, mi hija!*

Fonte: elaborado pelas autoras.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Neste diálogo, Elena e Beth conversavam sobre a cena do livro *Soñadores* em que a protagonista mexicana havia migrado para os Estados Unidos. Eis o texto que comentavam: "*Havia tantas coisas que desconhecíamos… sem poder entender, e com medo de falar, cometemos muitos erros*". Na transcrição, Beth pergunta a Elena sobre esta parte do livro ilustrado, a imagem mostra a mãe com a criança em situações do cotidiano como no telefone, pedindo informações na rua e demonstrando não compreender o idioma do país em que estavam. E, na conversa, Beth comenta que Elena veio pequenininha da Venezuela para o Brasil (com três anos e naquele momento estava com 10 anos) e aprendeu o português (cabe ressaltar que ela fala o português fluentemente). Essas informações, comentadas por Beth, são a partir de entrevistas realizadas com a mãe de Elena. Neste momento, Elena expressa com clareza a política linguística de sua casa: "Minha mãe fala em espanhol para a gente não perder a língua". Embora faça uma brincadeira irônica de que já "perderam" a língua, ela imediatamente corrige-se: "Brincadeira, a língua não perdemos não". A partir da adoção, neste estudo, de uma perspectiva etnográfica na educação, trazemos um recorte do mapa social do contexto familiar da criança: um trecho de uma conversa com Érika, a mãe de Elena, quando a entrevistamos em sua casa. Nesta entrevista, ela elucida o que Elena comenta durante a leitura:

Tempo	**Interações**	**Foto**
16-16:25	**Beth:** Cuando Elena está acá comunicas en español con ella? **Mãe de Elena:** Sí, hablo sólo en español. **Beth:** Hablas sólo en español con ella para no … **Mãe de Elena:** *No perder la lengua* não é*?, porque no puede*. **Beth:** No se puede, es verdad. **Mãe de Elena:** *Ahí yo le digo a ella que tú tienes que aprender más lenguas pero no perder, aprender. Por qué si aprendes portugués vas a perder el español? Entonces, no. Ahora yo quiero que ella aprenda el inglés. Yo* acho q*ue va a lograr.*	

QUADRO 4. Entrevista com a mãe de Elena "*No puede perder la lengua*"

Fonte: elaborado pelas autoras.

Elena ao dizer "para a gente não perder a língua" reitera o que a mãe diz na entrevista: ela fala em espanhol em casa para "*no perder la lengua*, não é? *porque no puede*". Assim, Elena no processo de *languaging* (linguajear) com Beth e Catarina evoca sua memória familiar e recontextualiza a noção sobre o uso do espanhol em um ambiente formal de

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

aprendizagem. A língua aprendida em casa participa da construção das relações familiares e da própria experiência da criança como sujeito situado entre diferentes espaços sociais. Bloome e Beauchemin (2016) propõem a compreensão do *languaging* como ação, o que as pessoas fazem umas com as outras em suas práticas linguísticas e, ainda, como elas participam das ações e reações na constituição das relações sociais e do *personhood* (pessoalidade). Assim, a mãe de Elena, ao conversar em espanhol com ela, está construindo uma relação de intimidade com a filha por ser sua língua materna, compartilhando memórias, fazendo referências a familiares que moram na Venezuela, transmitindo conhecimentos culturais, posicionando a filha como integrante daquela família. E Elena, ao reafirmar a política linguística de sua mãe, reforça esta ideia de não perder a língua (o espanhol), e, em seguida, quando questionada sobre sua compreensão do espanhol, Elena responde prontamente na língua materna: "*Yo entiendo, mi hija y soy inteligente*" (misturando o "mi hija" característico da fala materna em espanhol). Ao linguagear (*languaging*) o espanhol de forma espontânea e consciente, ela aciona seu repertório linguístico e cultural para validar sua própria capacidade de falar bem o espanhol perante as pesquisadoras.

Considerações finais

O presente estudo analisou as práticas de letramento, as relações de *languaging* e a construção da pessoalidade (*personhood*) de Elena, uma criança imigrante venezuelana, articulando as suas vivências na turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública e no Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL/UFMG). Aderindo à perspectiva do letramento como prática social e à concepção da linguagem como ação social e relacional, os resultados demonstram que a aprendizagem da leitura e da escrita não se restringe a uma dimensão técnica ou individual (Street, 1984; 2014), sendo constitutivamente social e atravessada pelas experiências migratórias da criança e pelo seu repertório bilíngue.

A análise dos eventos de letramento – nomeadamente o projeto pedagógico centrado na obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* e a leitura mediada do livro ilustrado *Soñadores* – colocou em evidência a agência e o papel ativo de Elena com relação ao trânsito entre as línguas portuguesa e espanhola. No espaço escolar, a aluna atuou como ponte linguística no diálogo entre a família e a instituição ao conduzir uma entrevista bilíngue com a sua mãe, além de ter expressado a sua subjetividade e capacidade crítica mediante a produção multimodal de uma ilustração para o livro coletivo da turma. No LAL, a mobilização de recursos semióticos e gestuais permitiu-lhe reconfigurar as posições habituais

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

de participação, posicionando-se como uma pessoa conhecedora e legitimadora da pronúncia da sua língua materna, o espanhol. A investigação destacou também a forma como a criança recontextualiza nos espaços educativos a política linguística praticada no seu lar, voltada para a preservação do espanhol. A aceitação e o uso do termo "venezuelano" para designar a língua materna da estudante, tanto por Elena como pela professora e pelos colegas, configurou-se como uma prática pedagógica de acolhimento situado. Essa legitimação valida a identidade cultural e a pertença da criança sem rasurar ou invisibilizar as suas origens, sendo o papel de sua mãe central nessa preservação da língua materna.

Considera-se, portanto, que a integração e a valorização da diversidade linguística e dos repertórios socioculturais das crianças imigrantes nos ambientes formais de ensino fortalecem a autoconfiança e o sentimento de pertença desses estudantes. Práticas pedagógicas presentes no letramento e no acolhimento situado promovem atitudes de empatia e respeito no ecossistema escolar, demonstrando que a língua materna constitui um recurso valioso para promover vínculos entre a escola, a família e a comunidade.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar

Link do pre print

https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/18529

DOI: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Contribuição de autoria

Elizabeth Guzzo de Almeida: Obtenção de financiamento; Investigação; Conceituação; Administração do projeto; Supervisão; Redação do manuscrito original.

Luíza Santana Chaves: Disponibilização de ferramentas; Metodologia; Curadoria de dados; Redação do manuscrito original; Redação revisão e edição.

Catarina Andrade Martins: Análise Formal; Desenvolvimento, implementação e teste de software; Validação de dados e experimentos;

Design da apresentação de dados; Redação do manuscrito original

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

O artigo apresenta aderência ao protocolo *Standards for Reporting Qualitative Research* (SRQR) da Equator Network, contemplando a contextualização do problema, os objetivos, a descrição do contexto da pesquisa, os aspectos éticos, os procedimentos de produção de dados e a apresentação e interpretação dos resultados, fundamentadas em evidências empíricas e referenciais teóricos. Entretanto, poderia ter maior detalhamento da estratégia de seleção do caso, dos instrumentos de produção de dados e das limitações do estudo. Contemplando, assim, parcialmente ao protocolo SRQR. O estudo não foi pré-registrado em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados que amparam os resultados deste estudo foram expostos ao longo do texto, mas também estão disponíveis integralmente para consulta, sob demanda, em drive institucional de responsabilidade da primeira autora.

Pesquisa com Seres Humanos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o parecer nº 7.347.277 (CAAE: 85653425.0.0000.5149). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e alguns de acordo com a idade, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de inteligência artificial generativa foi utilizada em nenhuma fase do desenvolvimento deste manuscrito.

Agradecimentos

À Elena, sua família, às crianças do 5º ano e à professora Diana pela participação neste estudo.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

Fontes de financiamento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) que contribuiu como fonte de financiamento com uma bolsa de iniciação científica para o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 6ª ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2011.

BARTON, David.; HAMILTON, Mary. Understanding Literacy as Social Practice. In: ___. **Local Literacies**. Reading and Writing in One Community. London: Routledge, 1998. p. 3-22.

BECKER, Alton Lewis. Language and languaging. **Language & Communication**, v. 11, n. 1-2, p. 33–35, 1991. DOI: https://doi.org/10.1016/0271-5309(91)90013-L.

BLOOME, David.; BEAUCHIMIN, Faythe. Languaging Everyday Life in Classrooms. **Literacy Research:** Theory, Method, and Practice, 2016, Vol. 65, p. 152-165.

BLOOME, David; BEACH, Richard. Languaging Relations for Transforming the Teaching of Literacy and the Language Arts. In: ___ **Languaging Relations for Transforming the Literacy and Language Arts Classroom**. New York: Routledge, 2019. p. 01-19.

BLOOME, David; BROWN, Ayanna F.; HONG, Huili; PINTO, Maria Beatriz. **Reading comprehension as intertextual practice:** building meaning together. New York: Routledge, 2027.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para escola**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; HACHEM, Zakia Ismail; GONÇALVES, Larissa. **Relatório Anual OBMigra 2025:** políticas migratórias no Brasil: evidências para gestão de fluxos e políticas setoriais. Brasília, DF: Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra); Ministério da Justiça e Segurança Pública; Conselho Nacional de Imigração; Coordenação-Geral de Imigração Laboral, 2026.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GREEN, Judith Lee; BLOOME, David. Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective. In: FLOOD, J.; HEATH, S. B.; LAPP, D. (Ed.). **Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997, p. 181-202.

GREEN, Judith Lee; DIXON, Carol. N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. [Tradução de Adail Sebastião Rodrigues Júnior e Maria Lúcia Castanheira;

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

revisão de Marcos Bagno], **Educação em Revista,** v. 42, 2005, p. 13-79. Disponível em http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n42/n42a02.pdf. Acesso em: 30 jul. 2026.

HEATH, Shirley Brice. What no bedtime story means: Narrative skills at home and school. **Language in Society**, 11(1), 1982. p. 49-76.

KRESS, Gunther. **Before writing**: rethinking the paths to literacy. London: Routledge, 1997.

KRESS, Gunther. **Multimodality:** a social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

MCINTOSH, Janet. Personhood, self and individual. In: CALLAN, Hilary (ed.). **The International Encyclopedia of Anthropology.** Hoboken: NJ, Wiley Blackwell, 2018, p. 4583-4591.

MOLL, Luis C.; AMANTI, Cathy; NEFF, Deborah; GONZALEZ, Norma. Funds of knowledge for teaching: using a qualitative approach to connect homes and classrooms. **Theory Into Practice**, v. 31, n. 2, 1992, p. 132-141.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito. O Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL/CEALE/UFMG) como estratégia para formação inicial de professores. In: ARAÚJO, L.; CAMINI, P.; NOGUEIRA, G.; ZASSO, S. M. (orgs.). **Alfabetização**: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 143-168.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito; SOUZA, Maria José Francisco de. Magda Soares e a valorização das práticas educativas: o desenvolvimento profissional e a autoria docente no projeto alfaletrar. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 20, p. 1-12, 2023. DOI: 10.47249/rba2023764. Disponível em: https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/764. Acesso em: 16 out. 2026.

MORALES, Yuyi. **Soñadores**. New York: Neal Porter Books, 2018.

PAHL, Kate. Texts as Artefacts Crossing Sites: Map Making at Home and School. **Reading**, 35, 2001. p. 120-125.

PAHL, Kate. Creativity in events and practices: a lens for understanding children's multimodal texts. **Literacy**, Vol. 41 n. 2, 2007. p. 81-87.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian Vincent. Literacy practices and the construction of personhood. In The Right to Literacy: The Rhetoric, the Romance, the Reality. ACAL National Conference (Sidney, Australia, October 9-11, 1992). **Conference Papers, Plenary and Keynote Sessions.** 1992.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18529

STREET, Brian Vincent. Culture is a verb: anthropological aspects of language and cultural process. In: GRADDOL, David; THOMPSON, Linda; BYRAM, Michael (org.). **Language and culture**. Clevedon: BAAL; Multilingual Matters, 1993. p. 23-43.

STREET, Brian Vincent. Perspectivas interculturais sobre o letramento. Tradução de Marcos Bagno. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 8, 2006, p. 465-488,. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i8p465-488. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/article/view/59767. Acesso em: 19 out. 2026.

STREET, Brian. L**etramentos sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. 1 ª ed. São Paulo. Parábola Editorial. 2014.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.